

TRABALHOS DE PESQUISA

DISCURSOS RACIAIS DE HOMENS CISGÊNERO NA PORNOGRAFIA MAINSTREAM COM MULHERES TRANS E TRAVESTIS

Eduardo Machado Dias¹ , Inês Hennigen² 

RACIAL DISCOURSES BY CISGENDER MEN IN MAINSTREAM PORNOGRAPHY WITH TRANS
WOMEN AND TRANSVESTITES

DISCURSOS RACIALES DE HOMBRES CISGÊNERO EN LA PORNOGRAFÍA CONVENCIONAL
CON MUJERES TRANS Y TRAVESTIS

Resumo: O que se apresenta neste artigo é a investigação da construção discursiva das masculinidades cisgênero brancas na pornografia *mainstream* com mulheres transexuais e travestis. Para isso, utilizou-se a plataforma do site Xvideos, um dos maiores repositórios de pornografia *on-line* mundial e que oferece diversas opções de material pornográfico a ser consumido. Utilizou-se a análise do discurso como procedimento metodológico, foram selecionados comentários feitos por homens cisgêneros em dois vídeos pornográficos. O que se objetivou foi questionar e problematizar como essas produções de discurso evidenciam a construção das masculinidades, da cisheteronormatividade e da branquitude. Ao final, conclui-se que a produção discursiva de homens brancos na pornografia articula-se com as dinâmicas de poder da cisheteronormatividade, da branquitude e da colonialidade, bem como relaciona-se a partir de uma falsa visão hegemônica e não estanque, marcando-se por incongruências e pela manutenção de seus espaços de privilégio.

Palavras-Chave: Masculinidades; Pornografia; Racialidade; Transexualidades; Travestilidades.

Abstract: What is presented in this article is the investigation of the discursive construction of white cisgender masculinities in mainstream pornography with transsexual and transvestite women. To do this, we used the Xvideos website platform, one of the largest repositories of online pornography in the world and which offers several options for pornographic material to be consumed. Discourse analysis was used as a methodological procedure, comments made by cisgender men and two pornographic videos were selected. The objective was to question and problematize how these discourse productions highlight the construction of masculinities, cisheteronormativity and whiteness. In the end, it is concluded that the discursive production of white men in pornography is articulated with the power dynamics of cis straight norm, whiteness and coloniality, as well as being constructed from a false hegemonic and non-watertight vision, marking it whether due to inconsistencies and the maintenance of their spaces of privilege.

Keywords: Masculinities; Pornography; Raciality; Transsexualities; Transvestites.

Resumen: Lo que se presenta en este artículo es la investigación de la construcción discursiva de las masculinidades cisgênero blancas en la pornografía *mainstream* con mujeres transexuales y travestis. Para eso fue utilizada la plataforma del sitio web Xvideos, uno de los mayores repositórios de pornografía online del mundo y que ofrece varias opciones para consumir material pornográfico. Se utilizó como procedimiento metodológico el análisis del discurso, fueram seleccionados comentarios realizados por hombres cisgênero en dos videos pornográficos. El objetivo fue cuestionar y problematizar cómo estas producciones discursivas resaltan la construcción de masculinidades, cisheteronormatividad y blancura. Al final, se concluye que la producción discursiva de los hombres blancos en la pornografía se articula con las dinámicas de poder de la cisheteronormatividad, la blancura y la colonialidad, además de construirse desde una visión falsamente hegemónica y no estanca, marcándola ya sea por inconsistencias y el mantenimiento de sus espacios de privilegio.

Palabras clave: Masculinidades; Pornografía; Racialidad; Transexualidades; Travestis.



¹ Mestrando. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Porto Alegre, Brasil.
dmachado.eduardo@gmail.com

² Doutora. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Porto Alegre, Brasil
inshennigen@gmail.com

Introdução

É comum encontrar, primordialmente em sites de notícias, matérias que abordam as violências contra mulheres trans e travestis, os elevados índices de assassinatos e violência no Brasil, e referências sobre o nosso país como o que mais consome pornografia protagonizada por elas. Esses dados levam a deduzir a existência dessa relação. Porém, não são encontrados com facilidade estudos acadêmicos que discutam essa temática, existindo alguns autores que trabalham com o tema. Por entender ser urgente produzir dados e análises que considerem as complexas condições e atravessamentos desta questão, desenvolveu-se a pesquisa aqui em foco.

É crucial compreender a relação da questão com o cis-tema, que é produtor de normativas, a construção das masculinidades e sua reprodução, na possibilidade de protagonismo de mulheres, na forma de pensar em como as relações (sejam de gênero, binárias, falocêntricas, as relações sexuais e afetivas) ocorrem e como se atravessam pelas relações raciais e dinâmicas da branquitude, tanto nos vídeos quanto em seus comentários, quanto se reproduzem na vida cotidiana.

O que se propõe é um mapeamento sobre masculinidades brancas de homens cisgêneros e seus efeitos nos discursos de consumidores de pornografia, por meio de comentários. Objetiva-se acessar alguns desses discursos, compreender como operam as construções de masculinidades nesses espaços e problematizá-los.

Os discursos masculinos estudados advêm dos comentários em vídeos pornográficos do Xvideos na categoria “trans” e são protagonizados por atores cis e atrizes trans e travestis. Nesse estudo, trabalha-se com identidades masculinas cisgênero, utilizando a pornografia e os comentários em vídeos como um meio de acessar essas posições subjetivas. A partir disso, levantam-se questões e articulações teóricas que rompem com o espaço da pornografia, que se complexificam ao encarar suas existências no cotidiano.

Benevides (2022) informa a respeito dos poucos dados e informações sobre assassinatos de mulheres trans. Entre as notícias de violência registradas com suspeitos, 86% delas foram praticadas por homens cisgêneros, além disso, no ano de 2022, entre as vítimas de assassinato 76% eram negras. Em 2023 houve 145 vítimas fatais de violência, sendo o Brasil o país que mais registra dados de violência contra travestis e mulheres trans (Benevides, 2024).

No dia a dia pouco se questiona a identidade cisgênero e menos ainda se pensa sobre ela enquanto uma categoria. Quando se fala sobre cisgênero, geralmente se refere a algo que já é normativo, ou como um conceito pronto e indiscutível. Por isso, propõe-se uma retomada desse conceito, enquanto operador de análise, buscando pensar a produção de sujeitos cisgêneros e de suas normativas.

O conceito de cisgeneridade é uma máquina de guerra discursiva que denuncia a forma pela qual corpos generificados se apropriam do direito de subalternizar outros corpos (Nascimento, 2021). Para a autora, a cisnormatividade coloca os cisgêneros enquanto naturais, uma categoria pronta e imutável na qual não se faz possível ou necessária a análise e as reflexões de suas vivências e práticas. Tal afirmação de uma naturalidade cis é irreal, marcando uma onipotência criada e fomentada pelos sujeitos cis que serve para a manutenção de seus espaços de dominância.

Pfeil e Pfeil (2022) discutem sobre a dificuldade e resistência de pessoas cis em se reconhecerem no lugar social em que ocupam, de forma semelhante aos processos da branquitude e as alianças e privilégios ali existentes, nomeados como colonialidade cisgênera. Tais constituições são ciscentradas masculinas, heterossexuais e brancas, que, conforme Preciado (2018), moldam a construção da pornografia, voltada para o público de homens, brancos, heteros e cisgênero.

A pornografia é uma forma de produção cultural por meio da qual se constrói os limites do socialmente visível, os prazeres e as subjetividades sexuais. É um modo de gerir o espaço público controlando o olhar, a vigilância do corpo excitado ou excitável, sendo traçados esses limites ao visível e ao público e, dentro dessa lógica, o corpo masculino aparece como hegemônico político-visual-orgásmico, pois possui o acesso à excitação sexual pública, contrastando com os corpos cujos olhares devem ser protegidos e controlados em seu prazer (Preciado, 2018).

O Pornhub (2022), em seu levantamento anual sobre acessos, informa que no ano de 2022 o Brasil teve 74% de interesse a mais que os demais países em pornografia com mulheres transexuais, sendo o maior nicho

de acesso do país. No ano de 2023, esses dados passaram a ser de 68% a mais de interesse que os demais países, e a busca mais realizada no país foi pelo termo “*transgender surprise*” (Pornhub Insights, 2023).

A categoria transexual ocupa o sétimo lugar de maior acesso no ranking mundial, sendo que no ano de 2021 as pesquisas com o termo “trans” ocuparam a décima posição mundial de acesso dos visitantes homens (Pornhub Insights, 2022).

Método

Utilizou-se a plataforma do Xvideos (www.xvideos.com) devido à quantidade de materiais disponíveis, maior facilidade de acesso e disponibilidade de recursos de pesquisa, além de conter informações relevantes sobre os vídeos ali disponíveis.

A busca de materialidades foi realizada com a seleção de dois vídeos, a partir deles, foi efetuada a seleção dos comentários. O que se buscou nos comentários foram falas que se relacionam à temática da produção de masculinidades na pornografia com mulheres trans e travestis. Os discursos proferidos por homens foram obtidos de comentários em vídeos da plataforma do Xvideos, que operam não só na caixa de comentários, mas em seus desdobramentos e contextualizações no cenário atual e no que tais falas (re)produzem e desdobram em atos, performance e pedagogia do que se aprende e faz como sexo, sexualidade e experimentações de gênero. Os comentários dos vídeos são tomados como uma forma de produção discursiva a partir do campo da pornografia, presentes em um contexto histórico e como enunciadores das relações sociais das dinâmicas cisnormativas.

Para trabalhar com os comentários, utilizou-se a Análise do Discurso (AD). A pornografia é produzida e atravessada por discursos³, sejam eles morais, médicos, jurídicos e que se relacionam com determinado tempo e espaço histórico, produzindo modos e formas de compreensão a partir de seus códigos. E é por isso que essa metodologia se evidencia como relevante para construção desta pesquisa.

Para Maingueneau (1984), essa forma de pesquisa irá munir o pesquisador de uma concepção crítica de linguagem que permite aprofundar o estudo, considerando a língua como uma relação social e histórica. Assim, o discurso se constitui a partir de discursos externos, mas que deixam marcas interiores as quais serão resgatadas no processo e são integralmente linguísticos e também históricos.

Ou seja, nessa perspectiva os discursos agem em uma dupla dimensão, daquilo que é dizível pela linguagem e daquilo que é dizível em um determinado tempo e espaço histórico.

Conforme refere Orlandi (2012), a análise do discurso não trata da língua, da linguagem ou da gramática, mas do discurso, entendido como um processo de percurso, movimento, prática de linguagem e estudo da observação dos processos de falar.

Pêcheux (1990) concebe discurso enquanto relativo à ordem da estrutura e do acontecimento, de entender que a existência do discurso marca uma possibilidade de desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos.

Foram selecionados dois vídeos, o primeiro, intitulado “Homem negro passa a hora do almoço satisfazendo tgirl com tesão Mariana Lins” (Dream Tranny, 2021), é protagonizado por um ator cis negro e uma atriz trans branca. Essa produção possui duração de 8 minutos, 1.519.867 visualizações e 55 comentários, sendo importante ressaltar que não há cenas em que a atriz penetra o ator. O segundo vídeo, nomeado “Passivo submisso atacou Mirela Diniz” (Mirela Diniz, 2023), possui 5 minutos, 77.000 visualizações e 53 comentários. A atriz, também negra, contracena com outro homem negro, que usa máscara ao longo do vídeo.

A maioria dos comentadores utilizaram pronomes errados, palavras incorretas ou agressivas, por isso, ressalta-se que os comentários serão transcritos respeitando a identidade de gênero das atrizes, utilizando os pronomes femininos e cerceando muitas falas de cunho pejorativo ou violento.

³ O discurso aqui é entendido a partir de Pêcheux (1990), como a materialidade específica da ideologia, sendo que a língua é a materialidade específica do discurso. Dessa forma, não se trata da língua, mas do discurso, entendido como o percurso da fala, relacionado com o tempo histórico e contexto social.

Resultados e discussões

Os discursos desses homens tecem críticas aos atores, como o diálogo a seguir, no vídeo “Homem negro passa a hora do almoço satisfazendo tgirl com tesão Mariana Lins” (Dream Tranny, 2021), nesse diálogo cada comentarista será identificado pelo termo cis (em referência à cisgênero), seguido de um numeral correspondente.

Cis1: “negão viado, chupador de pica”

Cis2: “sou hetero, mas de uma travesti desse eu chupava até o talo”

Cis3: “é muito bom, comer uma trans e não chupar a pika é tipo viajar pro Rio e não ver o Cristo Redentor”.

Cis4: “se você veio até aqui comentar, então curte chupar pica também. E aposto que você chuparia tanto a pica da trans quanto do negão.”

Cis5: “o cara quando é gay é gay mesmo”.

Cis6: “Eu mesmo só comeria o cu dela, mas chupar ou dar o cu não curto. Esse Negão boiola, chupando pica (...) já é assumido.”

Essa conversa evidencia a marcação racial e o uso que se faz dela no espaço dos comentários. Os locais raciais para homens negros são marcados como viris, de extrema potência, fálico e de hipersexualização.

Chama a atenção para o uso do termo “viado” ao se referir ao ator, sendo uma forma de apontar para uma proximidade ou qualquer experiência que assemelhe ao homem de ser uma “mulherzinha” (Zanello, 2011).

De acordo com ela, xingar é o ato de agredir por meio de palavras insultuosas, tendo a intenção de ofender o ouvinte, sendo que o que é considerado insulto depende dos valores da cultura. Nessa percepção, os xingamentos são sintomas culturais, constituindo-se como ponte para a pesquisa dos valores que neles se repetem e se colocam em ato. Isto é, o xingamento aponta para o lugar social que não deve ser ocupado pelo sujeito.

Zanello (2018) refere que o uso do termo “viadinho” possui uma raiz misógina, além da homofobia, devido à pedagogia afetiva a qual ensina os homens que é necessário repudiar as mulheres e todas as características femininas, impelindo que esses afetos sejam provados a todo momento.

Em outro vídeo, intitulado “Passivo submisso atacou Mirela Diniz” (Mirela Diniz, 2023), o ator negro é nomeado como “passivo submisso” e o oposto desse vídeo possui uma performance mais afeminada. Quando um ator negro é penetrado, alguns comentários acabam fomentando essa posição pelo uso de expressões no diminutivo, como “A gazelinha mostrando como se esconde a pica grande e grossa”. Porém, há menos críticas e essas voltam-se para revelações de desejos, de sentirem o mesmo que o ator está sentindo, de também estarem nesse local de passivos (ou submissos) como referem alguns.

Para Barreto (2017), os filmes pornográficos marcam a figura do corpo negro por meio da exposição e da sexualidade, independentemente de ser homem ou mulher. Para o homem negro a valorização será dada pelo tamanho do seu órgão sexual, para as mulheres pela sua expressividade como desejante de sexo e por ser boa de cama. Inclui-se aqui a associação de ambas as situações para mulheres trans e travestis, a sexualização dada pelo tamanho do órgão genital e pela sua “potência” sexual, além do suposto desejo pelo sexo atribuído pelos espectadores.

A objetificação do corpo negro no Brasil possui relação com a forma com a qual a sexualidade era concebida na África e que os corpos livres foram domesticados e disciplinados em corpos a serem usados e explorados como objetos (Barros; Barreto, 2018). A figura do negro africano, detentor de um pênis grande, foi colocada em oposição ao sujeito branco que se marcava pela gentileza, fazendo com que homens negros passassem a construir sua masculinidade a partir de uma estrutura falocêntrica (Junior; Camilo, 2023).

Os pesquisadores referem que toda essa construção fomenta a visão do homem negro como viril, potente e dotado sexualmente, ocupando um lugar de ativo, frequentemente visto como dominador e agressivo, favorecendo ou fazendo surgir o termo “negão”. Conforme os autores, “negão” é aquele que está sempre pronto para o sexo, é bem-dotado e forte, permeado não só pela sua performance, mas pelos interesses financeiros e mercadológicos que destacam o potencial másculo (Junior; Camilo, 2023).

É muito menor a quantidade de produções pornográficas nas quais os atores negros ocupam papéis de

passivos. Ainda que muitos atores negros protagonizem cenas como passivos, acabam também sendo versáteis, revezando a produção em penetrando e sendo penetrado, assim, mantém-se a ideia e as características que forjam o “negão”.

Zanello (2018) refere sobre um pilar da masculinidade sendo a virilidade sexual, na qual um homem, para se provar homem, precisa apresentar alta performance e não só no desempenho sexual, mas também em sua linguagem, na comprovação e exibição de sua potência sexual. Sendo fatal para a sua virilidade uma posição contrária a de ativo, isto é, ser penetrado é expressamente proibido e marca uma aversão à passividade e ao prazer sexual anal. Também, isso implica não ser uma “mulherzinha”, ou seja, a misoginia como um constituinte central e organizador dos processos de subjetivação dos homens e da afirmação das masculinidades no Brasil.

Denardin (2019) apresenta que para as travestis e mulheres trans há uma relação e associação com o masculino negro, pela forma de se referir com adjetivos que enaltecem o tamanho do pênis, a virilidade e que produz um apagamento da sujeita travesti. Para ela, há uma ascensão da masculinidade, que toma as características das mulheres travestis como semelhantes às dos homens negros.

A explicitação e enfoque no tamanho da genitália marca e reafirma um parâmetro de tamanho para o pênis negro (independente de ele ser de um homem ou de uma mulher), produzindo um ideal racializado para o tamanho desse genital (Denardin, 2019). Como se nascer preto fosse equivalente a ter um grande pênis ou essa fosse uma característica exclusiva de pessoas pretas.

A sexualização das mulheres trans e travestis não se separa da racialização de seus corpos, inclusive o uso do termo “morena” em anúncios, que as associam a uma ideia racial de ter um pênis grande (Pelúcio, 2010).

González (1984) ao falar sobre a mulher negra, refere-se acerca da constituição da mulata, em que há hipersexualização e desejo de seu corpo, geralmente relegado e associado ao período do Carnaval. Tal figura é colocada como uma imagem a ser exportada para fora do país, da mulata a ser desejada, porém, após o período do carnaval o desejo acumulado pelo corpo negro se descarrega em forma de violência sobre a figura da empregada doméstica. E nesse caso, passado o desejo, descarrega-se de forma violenta sobre a travesti e a trans, em sua maioria negra, que é a cor da maior parte das vítimas de violência transfóbica registrada em ambientes externos.

Conforme Pelúcio (2010), no Brasil as experiências que constituem a travestilidade se entrecortam com a racialização e a sexualização, pela classe social, pela erotização de relações subalternizantes e pela exigência de uma coerência que deve ser corporificada entre feminilidade e passividade. Há uma série de características que se circunscrevem como atributos físicos a serem desejados, que promovem um referencial baseado na juventude, em traços delicados (não só associados ao feminino, mas em características étnicas), assim como o tamanho do pênis (Pelúcio, 2007). Conforme a autora, as mulheres trans brancas e loiras são consideradas “deusas”, enquanto as negras são “potrancas”, valorizadas pela sexualização ancestral que se faz dos corpos negros.

Considerações finais

No decorrer das páginas deste escrito houve uma busca em marcar e demonstrar a incongruência das posições subjetivas de homens cisgênero, o que aqui se apresenta é uma série complexa de processos e funcionamentos estruturais de manutenção de poder, que se articulam com o colonialismo, a cisgeneridade, a heterossexualidade e com a branquitude.

Além de questionar esse aspecto por meio de uma perspectiva de gênero e da cisgeneridade, implica-se e tensionam-se as questões raciais e do espectro da branquitude, que se sustenta em discursos não só estruturais e sistemáticos, mas que perpassam falas individuais de condutas racistas e transfóbicas.

Ao longo dos processos de discussão, diversos comentários evidenciam essas questões e marcam as posições subjetivas de forma muito bem delimitada, naquelas que são o Outro, colocadas a serviço de, e naqueles que estão ali para exercer seu processo de validação de suas subjetividades, perdidos no entremeio da manutenção às normas que cobram determinadas posturas e em uma busca de experimentação de seus desejos, além da manutenção de espaços de privilégios, reiterados por meio dos discursos.

Por fim, o que se demanda com a finalização deste artigo são construções teóricas que coloquem a cisgenderidade, as masculinidades, a branquitude e as construções pornográficas sob análise, que as examinem na busca de suas contradições e as desestabilizem de sua estrutura hegemônica. Assim, tem-se o intuito de tensionar e promover espaços de diálogo e de implicação de pessoas brancas e cisgêneros como produtores, coniventes e responsáveis por uma série de violências.

Referências

- BARRETO, R. M. *Contribuições psicanalíticas para a compreensão do preconceito racial: um estudo de caso*. 2017. 140p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Pará, 2017.
- BARROS, P. E.; BARRETO, R. M. Corpo negro e pornografia. *Revista Bagoas: Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 12, n. 19, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/16361>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- BENEVIDES, B. G. *Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021*. Brasília: Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2022. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em: 20 maio 2022.
- BENEVIDES, B. G. *Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023*. Brasília: Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2024. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- DENARDIN, J. A. S. Como a(s) travesti(s) e a(s) transexual(is) negra(s) é(são) dita(s) na plataforma de pesquisa Google?. In: LAU, H. D.; MICHALKIEWICZ, Z. A. (Orgs). *Pesquisar em tempos de resistência: a balbúrdia de quem faz*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019, p. 133-149. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/143639_a625132056c2477a924ada5f2e107866.pdf#page=13. Acesso em: 12 nov. 2023.
- DREAM TRANNY. *Homem negro passa a hora do almoço satisfazendo tgirl com tesão Mariana Lins*. 2021. 1 vídeo (8min8s). Disponível em: https://www.xvideos.com/video.kaitcehbe86/homem_negro_na_hora_do_almoco_satisfazendo_a_tesao_da_tgirl_mariana_lins. Acesso em: 10 set. 2023.
- GONZALEZ, L. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Brasília: Ciências Sociais Hoje, 1984, p. 223-244.
- JUNIOR, P. M. S.; CAMILO, V. Atenção!!! Homens trabalhando: um olhar sobre masculinidades negras na pornografia gay hardcore brasileira. *Revista O Social em Questão*, v. 26, n. 55, 2023. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5522/552273594008/552273594008.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- LEITE JR., J. *Das Maravilhas e Prodígios Sexuais – A Pornografia “Bizarra” como Entretenimento*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2006.
- MAINGUENEAU, D. *Gêneses do discurso*. Tradução: Sírio Possenti. Curitiba: Cria, 1984.
- MIRELA DINIZ. *Passivo submisso atacou Mirela Diniz*. 2023. 1 vídeo (5min43s). Disponível em: https://www.xvideos.com/video77640569/submitted_passive_mirella_diniz. Acesso em: 15 nov. 2023.
- NASCIMENTO, L. C. P. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- PELUCIO, L. "Mulheres com Algo Mais" - corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti. *Revista Versões*, v. 3, p. 77-93, 2007. Disponível em: <https://www.clam.org.br/uploads/conteudo/mulherescomalgomais.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2024.
- PELUCIO, L. Exótica, erótica e travesti – nacionalidade e corporalidade no jogo das identidades no mercado transnacional do sexo. In: CASTRO, A. L. (Org.) *Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias*. São Paulo: Cultura Acadêmica/ UNESP, 2010. pp.197-213.

PELÚCIO, L. Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à aids. *Revista Saúde e Sociedade*, v. 20, n. 1, p. 76–85, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/7DLHvcVH93dQpHGkMKbykhC/#>. Acesso em: 18 jan. 2024.

PFEILL, C. L.; PFEILL, B. L. A cisgeneridade em negação: apresentação o conceito de ofensa da nomeação. *Revista de Estudos em Educação e Diversidade*, v. 3, n. 9, p. 1-24, 2022. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/11170/7071>. Acesso em: 7 dez. 2023.

PORNHUB INSIGHTS. *Redtube and Brazil*. Canadá, 2022. Disponível em:

<https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review>. Acesso em: 20 fev. 2023.

PORNHUB INSIGHTS. *Redtube and Brazil*. Canadá, 2023. Disponível em:

<https://www.pornhub.com/insights/2023-year-in-review>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PRECIADO, P. Museu, lixo urbano e pornografia. *Revista Periodicus*, Salvador, v. 1, n. 8, 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23686>. Acesso em: 02 maio 2022.

PRECIADO, P. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-I Edições, 2018.

ZANELLO, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018, 303 p.

ZANELLO, V.; GOMES, T. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. *Caderno Espaço Feminino*, v. 23, n. 1/2, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/7615>. Acesso em: 13 nov. 2023.

ZANELLO, V.; RICHWIN, I. F.; BAÉRE, F. Memes machistas em tempos de Covid-19: sintoma das masculinidades adoecidas. In: WARD, R. (Org.). *Arte e Inovação em Tempos de Pandemia 3 Artigos*. Brasília: 2022. p. 116-133. Disponível em:

https://www.academia.edu/72103980/Cadernos_do_Ceam_38_Arte_e_Inova%C3%A7%C3%A3o_em_Tempos_de_Pandemia_3_Artigos. Acesso em: 13 nov. 2023.

Recebido em: 08/04/2024

Aprovado em: 06/07/2024